

A PAUSA COMO FENÔMENO ESTRUTURADOR E CONTROLADOR DO TEXTO CONVERSACIONAL

Célia Brito

Universidade Federal do Pará

- **RESUMO:** *Examina-se neste artigo a pausa não-preenchida em elocuições do NURC. Como parâmetro de análise, adota-se o conceito de Unidade Discursiva proposto por Castilho (1989). Observa-se o funcionamento da pausa não-preenchida tanto no interior quanto no final da Unidade Discursiva, considerando-a como um fenômeno cognitivo e interacional.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Pausa; Unidade Discursiva; Turno-conversacional.*
- **ABSTRACT:** *We examined in this article the pause no-filled out in elocutions of NURC. As analysis parameter, we adopted the concept of Discursive Unit proposed by Castilho (1989). We observed the performance of the pause no-filled out in the interior and in the end of the Discursive Unit, considering it as a cognitive phenomenon and interacional.*
- **KEY WORDS:** *Pause; Discursive Uni; Turn-talking.*

1 A CONVERSAÇÃO

A conversação constrói-se pela atuação de interlocutores, isto é, por meio de contribuições mútuas do produtor e do alocutário, que tecem seu discurso no momento em que expressam suas falas. Realizando-se face a face, a conversação determina que produtor e alocutário estabeleçam entre si um jogo de tensão comunicativa e, assim, necessariamente, lancem mão de estratégias controladoras do discurso, como forma, por exemplo, de manterem ou de assaltarem o turno, de permitirem ou não a passagem do turno, de conduzirem os tópicos. Dentre essas estratégias, verificam-se superposições de falas, pausas preenchidas ou não, uso de operadores coesivos e/ou conversacionais, como repetições, paráfrases, paralelismos, correções, elipses, por exemplo.

Em conseqüência da natureza interativa que caracteriza o texto conversacional, as elocuições, muitas vezes, apresentam-se de forma fragmentada, pois os locutores, ao interagirem dialogicamente, podem contar com o contexto situacional, valendo-se, além de elementos lingüísticos (verbais e suprasegmentais), de elementos não-lingüísticos, para expressarem seus propósitos comunicacionais. O texto conversacional, não obstante, em grande parte, se apresentar por meio de unidades construcionais dependentes de uma circunstancialidade pragmática, pode ser concebido como um produto estruturado que possibilita ser analisado, bastando para isso que se considere a maneira própria pela qual esse tipo de composição apresenta sua tessitura e estabelece sua coerência.

Nesse tipo de produção textual, observamos que, dentre outras estratégias conversacionais, a **pausa** é um fenômeno que ocorre com muita incidência. Dessa forma, achamos ser procedente fazer um trabalho com o objetivo de verificar como se dá a ocorrência desse fenômeno, quando **não-preenchido** (ver a respeito, a seguir), tendo em vista sua funcionalidade na estruturação e no estabelecimento do diálogo. Pausa **não-preenchida** é a que se realiza por meio de silêncio; ao passo que a pausa **preenchida** é a que se realiza por meio de várias formas, como pela reduplicação de artigos, de conjunções, de sons não lexicalizados: ah, ah, ah::, eh:: (Marcuschi, 1986, p. 27).

O *corpus* aqui estudado refere-se a interlocuções estabelecidas nas trezentas primeiras linhas do inquérito de nº 62 do Projeto NURC, publicado em Castilho & Preti (1987). Esse inquérito corresponde a um diálogo realizado entre dois informantes (D2), cuja duração foi de 87 minutos, gravado em 5 de 8 de 1972. Os interlocutores são dois homens solteiros pertencentes à primeira faixa etária (ambos têm 26 anos de idade), paulistanos e filhos de paulistanos; um é vendedor (Locutor 1 – L₁) e o outro é estatístico (Locutor 2 – L₂). O tema tratado por L₁ e L₂ diz respeito à interferência das situações climáticas da cidade de São Paulo no dia-a-dia de trabalho de cada um, bem como às peculiaridades da profissão de vendedor e da de estatístico.

As pausas **não-preenchidas** (daqui por diante referiremos o termo pausa sem a especificação de **não-preenchida**) encontradas no *corpus* foram separadas, em primeiro lugar, em dois grupos, considerando-se: a) as que delimitam unidades discursivas (ver sobre Unidade Discursiva a seguir) e b) as que se realizam no interior dessas unidades. As pausas referentes ao segundo tipo, por sua vez, foram separadas em subgrupos, considerando-se os diferentes "locais" em que se realizaram na estrutura da Unidade Discursiva.

2 UNIDADE DISCURSIVA

A unidade de análise de um texto conversacional tem sido vista por vários lingüistas, de acordo com critérios, como o fonológico, o sintático, o semântico, o textual e o interacional.

Chafe (1985, p. 106) usa a expressão "unidade de idéia" para definir a unidade de análise conversacional. Diz que uma "unidade de idéia" prototípica tem as seguintes características: apresenta um contorno entonacional e finaliza com uma pausa clausal; é precedida e seguida por uma hesitação; é constituída de um verbo seguido de sintagmas nominais ou preposicionais, bem como de advérbios; compreende aproximadamente sete palavras; e é produzida em um tempo aproximado de dois segundos.

Marcuschi (1986), seguindo Rath (1979, p. 96-7), adota a expressão "unidade comunicativa" (UC) para nomear a unidade conversacional correspondente à "frase". Os critérios usados por Marcuschi (1986) para definir essa unidade são apenas o sintático e o semântico, como bem demonstram suas palavras a seguir: "é a expressão de um conteúdo que pode dar-se, mas não necessariamente, numa unidade sintática tipo frase."

Castilho (1989, p. 253) chama à unidade conversacional de "unidade discursiva" (UD, daqui em diante), a qual define da seguinte forma:

A unidade discursiva é um segmento do texto caracterizado semanticamente por preservar a propriedade de

coerência temática da unidade maior, atendo-se como arranjo temático secundário ao processamento informativo de um subtema, e formalmente por se compor de um núcleo e de duas margens, sendo facultativa a figuração destas.

As considerações de Chafe (1985), Marcuschi (1986) e Castilho (1989), quanto aos critérios usados para definir a unidade de análise conversacional, equivalem-se em certos pontos e diferem-se em outros. Dentre as diferenças que apresentam, chamou-nos atenção uma característica importante da unidade conversacional que a definição de Castilho (1989) aponta e a de Chafe (1985) e a de Marcuschi (1986) não referem. Trata-se da propriedade de coerência temática que aquela unidade, ou subtema, guarda com uma unidade temática maior.

Na análise das pausas das unidades conversacionais estudadas nesta pesquisa, adotamos a definição de UD dada por Castilho (1989), pelo fato de essa definição, além de tecer considerações das características formais, tecer também considerações das características temáticas que aquelas unidades conversacionais apresentam. Segue um exemplo de UD dado por Castilho (1989, p. 262) que se delimita à direita por uma pausa e apresenta pausas em seu interior: "Olha ... eu ... como você sabe ... u:ma pessoa um Diretor lá da Folha ... certa feita me chamou e me incumbiu de escrever sobre a televisão ..."

(Inquérito SP D2 333)"

Esse segmento caracteriza-se como uma UD por corresponder a uma unidade temática secundária (o convite feito pelo Diretor da Folha ao interlocutor da elocução acima) de uma unidade temática maior (o tema geral de toda a parte da conversa de que os interlocutores estão tratando a qual possibilitou aquela unidade temática secundária ser referida).

3 PAUSAS

As pausas constituem um tipo de marcador conversacional que muito contribui para organizar e manter o diálogo. São elementos lingüísticos de natureza supra-segmental, e não de caráter verbal, que apresentam as seguintes características:

- manifestam-se em locais determinados na estrutura da UD;
- ocorrem seguindo uma UD ou se realizam no interior desta;
- pospõem-se a uma entonação descendente ou ascendente;
- podem ou não coincidir com o final da unidade temática.

De uma forma como de outra, as pausas constituem Lugares Relevantes de Transição (LRT_g); bem como, no caso específico das que se realizam no interior da UD, funcionam como elementos de **sustentação do turno**, servindo de suporte para o locutor introduzir e manter sua fala. Em ambos os tipos de ocorrência, realizando-se no final do turno ou no interior da UD, as pausas funcionam como elementos cognitivos que,

- do ponto de vista da perspectiva do falante, indicam planejamento verbal;
- do ponto de vista da perspectiva do ouvinte, podem facilitar a compreensão;
- e, em relação a ambos os interlocutores, podem promover maior ou menor interação.

Não dizemos de forma categórica que as pausas, do ponto de vista do ouvinte, facilitam a compreensão e, do ponto de vista de ambos os interlocutores, podem promover maior interação, por considerarmos que, em certas falas, esse recurso lingüístico, quando realizado em excesso, fragmenta significativamente a elocução e, assim, pode prejudicar a comunicação.

4 CLASSIFICAÇÃO DAS PAUSAS

Para classificar os diferentes tipos de pausa, referimos aqui, em primeiro lugar, a classificação que Rath (1979, p. 96-7, citada em Marcuschi, 1986, p. 63-4) propõe, bem como as inconsistências que essa classificação apresenta.

– Classificação de Rath

1) pausas sintáticas

a) *de ligação*: vêm por vezes no lugar de um conector qualquer, como 'e', 'então', 'mas', funcionam para construção interna da unidade, sem iniciar propriamente uma nova;

b) *de separação*: servem para delimitar ou separar unidades comunicativas, vêm logo após um sinal de fechamento de unidade ou baixamento do tom de voz;

2) pausas não-sintáticas

a) *de hesitação*: podem ser idiossincráticas, preenchidas ou não, ou estar servindo para o planejamento verbal e têm uma motivação sobretudo cognitiva;

b) *de ênfase*: têm valor de sinalizadores do pensamento. Muitas vezes aparecem entre o artigo e o nome ou no interior de um sintagma."

Rath (1979) reconhece que essa classificação é inconsistente, pois muitas vezes os diferentes tipos de pausa se superpõem. Nesse sentido Marcuschi (1986) concorda com Rath (1979). As pausas *de hesitação* podem muito bem, por exemplo, ser consideradas como *de separação* e também como *de ligação*.

5 ESQUEMA DE ESTUDO QUE PROPOMOS

Dada a complexidade que o uso da pausa envolve, consideramos ser difícil propor uma classificação que abarque suas diversas realizações. Assim, expomos aqui apenas um esquema de como talvez possamos estudar esse fenômeno. Nossa sugestão é fruto de observações feitas do funcionamento da pausa como elemento estruturador e mantenedor do diálogo, no *corpus* estudado. Com base nas ocorrências das pausas analisadas (ver item a seguir), verificamos que, para entendermos com maior clareza o funcionamento da pausa na estruturação e estabelecimento do diálogo, é preciso reconhecer que esse fenômeno

– é um recurso lingüístico de natureza **cognitiva** e **interacional**, que deve ser visto do ponto de vista do falante, bem como do ponto de vista do ouvinte;

– funciona como marcador que se realiza no interior de uma UD bem como seguindo-a; e

– nem sempre finaliza o turno.

Quanto às pausas realizadas no interior das unidades discursivas, achamos que, segundo a função conversacional que desempenham, permitem:

– ao locutor demandar mais tempo para organizar o pensamento, e podem, muitas vezes, ser motivadas por fatores que figuram na estrutura da UD, como, dentre outros: repetição, paráfrase, pergunta, autocorreção, topicalização, ressalva, ausência de conector, quebra de estrutura;

– ao ouvinte entendê-las como pistas de LRT, levando-o a assaltar ou não o turno.

Quanto às pausas realizadas seguindo unidades discursivas, concebemos que possam ser consideradas conforme Rath as classifica — como pausas sintáticas de separação —, porquanto se pospõem a uma entonação descendente ou ascendente que determinam a conclusão de um tópico. Mas, além disso, denotam, do ponto de vista da recepção, passagem **requerida** ou **consentida** de turno, que poderá assim ser, ou não, entendida pelo alocutário.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Nas 300 primeiras linhas do inquérito 62, contamos 263 ocorrências de pausa, dentre as quais consideramos que 137 se realizaram no interior das unidades discursivas e 126, seguindo-as.

Tabela 1

Pausas realizadas no recorte do texto analisado

Interior da UD	Seguindo UD	Total
137	126	263

6.1 PAUSAS SEGUINDO UD

As pausas que seguem UD podem coincidir com o final do turno ou não. Dentre as pausas que se pospõem a uma UD, 25 coincidiram com final de turno e 101, não. O conceito de turno que adotamos para nosso estudo corresponde a um dos conceitos propostos pelo modelo Sacks, Schegloff & Jefferson – SSJ (1974): “é o direito de cada um dos interlocutores tomar a palavra (*turn-allocation* ou distribuição de turno)”.

Turno, nesse sentido, refere-se a uma técnica de organização geral da conversação (Galembeck et al., 1990, p. 61).

6.1.1 Pausa seguindo UD não coincidindo com final de turno

A pausa, nesse tipo de ocorrência, funciona separando considerações relacionadas a um tema em um mesmo turno.

- (1) L₁ a gente fica até mais alegre você não acha? então foram acabando com as reservas e o clima foi tendo assim essa instabilidade... e realmente não há um controle

(p. 63, 74-6)

A pausa que L₁ realiza depois do termo "instabilidade" finaliza uma UD: "então foram acabando com as reservas e o

clima foi tendo essa instabilidade", mas não encerra o turno. Essa unidade refere-se ao fato de o clima de São Paulo ter sofrido alteração em decorrência de o progresso acabar com as reservas vegetais. Logo depois da pausa que segue o termo “instabilidade”, que não finaliza o turno, L₁ inicia outra UD, que se refere à falta de controle que há para impedir que a natureza seja devastada.

6.1.2 Pausa seguindo UD coincidindo com final de turno

A pausa, nesse tipo de ocorrência, determina, por parte do falante, passagem de turno **requerida** ou **consentida** e permite ao ouvinte entender que pode apossar-se do turno.

a) Pausa seguindo UD determinando passagem **requerida** de turno:

- (2) L₂ melhor bate papo melhor né? dá mais ânimo né?

L₁ fica mais alegre ... mais feliz né? (...)

(p. 62, 48)

Ao referir-se à importância de fazer um bom tempo para que se possa produzir mais no trabalho, L₂ o faz pedindo anuência de L₁. Para tanto, usa o marcador **né?** seguido de pausa, entregando, assim, explicitamente o turno a este. Por sua vez, L₁, apossa-se do turno e formula sua fala, usando o mesmo artifício para devolver o turno a L₂.

b) Pausa seguindo UD determinando passagem **consentida** de turno:

- (3) L₂ precisa ... um dia um dia de chuva você entra num cinema distrai um pouquinho...

L₁ não isso realmente não existe não há problema nenhum se o indivíduo que estiver bastante chateado qualquer coisa assim (...)

(p. 67, 280 - 82)

Depois do sintagma "um pouquinho", L₂ faz uma pausa seguida de uma entonação descendente, entregando, implicitamente, o turno a L₁.

Tabela 2
Pausas realizadas seguindo UD

Falantes	Não final de turno		Final de turno				Total
	L ₁	L ₂	Passagem requerida		Passagem consentida		
			L ₁	L ₂	L ₁	L ₂	
	42	59	3	1	14	7	126

A tabela acima revela que

– L₁ e L₂ usaram um número quase equivalente de pausas, quando essas foram realizadas seguindo UD que não finalizam o turno, servindo, assim, para assinalar a passagem seqüenciada de tópicos relativos a uma mesma unidade temática;

– L₁ realizou mais pausas que L₂, quando essas se apresentaram seguindo unidades discursivas que coincidiram com final de turno. Assim, L₁ realizou mais passagens **requerida** e **consentida** de turno, expressando, conseqüentemente uma preocupação maior que L₂ com a regra natural da conversação (possibilitar alternância de turno), bem como com o processo interativo dessa.

6.2 PAUSAS NO INTERIOR DA UD

6.2.1 Da perspectiva do locutor

Esse tipo de ocorrência de pausa poderá servir

a) para o locutor ter tempo de organizar seu pensamento, podendo, simultaneamente a isso, expressar hesitação, preocupação com a compreensão do ouvinte, ou expressar sua maneira peculiar (do locutor) de falar, que se faz de modo lento;

b) para solicitar anuência e atenção do ouvinte; ou ainda
c) de elemento argumentativo.

Consideramos que essas diferentes funções da pausa sejam de natureza semântico-pragmática e que essas pausas sejam expressas de forma localizada em determinados pontos da estrutura da UD.

As ocorrências localizadas da pausa observadas foram:

- a) antecedendo: repetição (12 ocorrências), paráfrase (6 ocorrências), pergunta (8 ocorrências), autocorreção (4 ocorrências), ressalva (2 ocorrências), o conector e (9 ocorrências);
- b) seguindo segmento topicalizado (2 ocorrências);
- c) seguindo estrutura anacolútica (5 ocorrências);
- d) entre componentes de sintagmas (exceto quando se trata de V + SADV) (40 ocorrências);
- e) no lugar de um possível conector (5 ocorrências);
- f) no lugar de um possível sinal de pontuação (38 ocorrências).

Essas diferentes formas localizadas de a pausa se apresentar na estrutura sintática da UD podem desempenhar mais de uma função ao mesmo tempo. Por exemplo, uma pausa que seja usada no lugar de um conector pode muito bem expressar a) hesitação, b) preocupação que o falante demonstra de tornar sua emissão mais lenta para possibilitar melhor compreensão por parte do ouvinte, c) ou o modo peculiar de o falante se expressar.

Segue uma ocorrência de cada tipo de pausa, segundo sua localização na estrutura sintática da UD.

– Antecedendo repetição

- (4) L₁ (...) diz que lá é bastante agradável sabe? ... e o clima inclusive é muito mais regular que aqui ...

muito mais regular que aqui ... a gente às vezes tem vontade né? de fugir um pouco desse clima né? que que você acha colega?...

(p. 64, 134-8)

A pausa talvez seja usada antes do segmento "muito mais regular que aqui", quando é referido pela segunda vez, para dar mais tempo a L₁ organizar seu pensamento ou, então, para expressar hesitação por parte do locutor ou, até mesmo, para dar mais força argumentativa a esse segmento.

– Antecedendo paráfrase

(5) L₁ (...) aliás eu diria que tra/ atrapalha até bastante ... é preferível:: muito mais você trabalha com:: um sol bonito:: ... um tempo mais agradável mais ameno ... e na sua como é que:: tá?

(p. 61, 15-8)

Nessa ocorrência, consideramos que o segmento "um tempo agradável mais ameno" constitui uma paráfrase do segmento "um sol bonito". Julgamos que a pausa realizada entre os segmentos referidos justifica-se, não só para separar o segmento parafrástico do segmento que o antecede, como também para realçar o propósito desse recurso lingüístico.

– Antecedendo pergunta

Nas elocuições analisadas, observamos que sempre que o locutor dirige-se ao ouvinte, endereçando-lhe uma pergunta, antecede essa de pausa. Nas ocorrências acima, as perguntas antecidas de pausa foram: "... você não acha?", em (6); "... né?", em (7); "... (entende?)", em (8); e "... certo?", em (9).

(6) L₁ a gente fica até mais alegre ... você não acha?

(p. 62, 30-1)

(7) L₂ dizem ... né? (é o) progresso mal controlado

(p.63, 72-3)

(8) L₂ nós estamos ali no:: ... naquele arroz unido venceremos ((risos)) ... um dia ele sai da colher outro dia

não sai ((risos)) é fogo ... (entende?) ((risos)) (se bem que ainda é:: bom ...)

(p. 66, 227-30)

(9) L₁ (...) então o tempo para mim é:: ...imprescindível que ele seja bom ... certo?

(p. 62, 44-5)

As pausas, antecedendo perguntas feitas pelos operadores de sustentação ou finais de UD: **né?**, **entende?** e **certo?** chamaram nossa atenção, tendo em vista, em elocuições em que esses operadores mais vezes apareceram, não haver pausa antecedendo-os. Vejamos ocorrências de elocuições em que os operadores de sustentação não se apresentam antecidos de pausa.

(10) L₂ para mim:: não há problema entende?

(p. 61, 19)

(11) L₂ o dia que faz as quatro estações do mesmo dia:: ... é horrível né?

(p.62, 32-3)

(12) L₁ (...) pede para que o indivíduo não perca tempo nesses horários certo?

(p. 66, 235-36)

As elocuições (6), (7), (8) e (9) bem como (10), (11) e (12) nos levam a pensar que, quando o locutor usa marcadores de sustentação não antecidos de pausa, suscita do alocutário uma anuência quanto àquilo que está falando e quando os usa, antecido de pausa, além dessa anuência, o locutor quer, também, que o alocutário lhe dê (mais) atenção.

– Antecedendo autocorreção

Foram quatro as ocorrências de autocorreção que o recorte de texto analisado apresentou e, sempre que isso aconteceu, os locutores realizaram pausa entre o elemento incorreto e o auto-

corrigido. Na ocorrência (13), a seguir, o locutor corrige-se substituindo a forma **no** por **aquele**: "no:: ... naquele arroz unido". A pausa entre esses elementos possibilita ao locutor ter mais tempo para estruturar seu pensamento.

- (13) L₂ nós entramos ali no:: ... naquele arroz unido venderemos ((risos)) ... um dia ele sai da colher outro dia não sai (...)
(p. 66, 227-8)

– Antecedendo ressalva

Em duas unidades discursivas apenas, observamos o uso de pausa, antecedendo segmento que corresponde à ressalva. Concebemos que a pausa funciona nesse tipo de contexto como um elemento argumentativo que enfatiza a idéia ressalvada.

- (14) L₁ (...) eh ora levando eles na nossa filial e:: mostrando o equipamento *in loco* ... isso até o horário de vim para a escola (certo?) quando chega a noite ...
(p. 64, 111-4)

– Antecedendo o conector e

Observamos 9 ocorrências da pausa antecedendo o conector **e**. A pausa, nesse tipo de contexto, deve, além de servir de suporte para o locutor estruturar seu pensamento, promover força argumentativa à elocução.

- (15) L₁ (...) uma pessoa me contou a respeito de de clima ... e realmente pelo fato de de haver assim perto do da linha do Equador
(p. 64, 121-3)

– Seguindo segmento topicalizado

A pausa seguindo segmento topicalizado foi realizada em 3 unidades discursivas. Em (16), observamos esse recurso lingüístico em relação ao segmento "a água do mar", sujeito do verbo **ficar**, que foi deslocado para o topo da UD. A pausa, nesse tipo de ocorrência, colabora para realçar o segmento topicalizado, desempenhando, assim, também papel argumentativo.

- (16) L₁ (...) a água do mar ... diz que fica PREta
(p. 64, 132)

– Seguindo estrutura anacolútica

Observamos 5 ocorrências em que o locutor usou a pausa seguindo estrutura interrompida, "falso começo", para obter, talvez, um tempo para reformular seu pensamento. No exemplo (17), o locutor dá início a uma oração: "que evidentemente é", mas não a conclui; faz a seguir uma pausa e, logo depois, inicia outra oração.

- (17) L₁ (...) principalmente:: no caso da minha que o clima:: influencia bastante que evidentemente é ... eu faço um serviço de RUa (...) e um mau tempo (...) atrapalha
(p. 61, 8-12)

– Entre componentes de sintagmas (exceto quando se trata de V + SADV)

Observamos ao todo 40 pausas entre sujeito e predicado; verbo e complemento; artigo e substantivo; verbo auxiliar e verbo principal, de uma locução; conector subordinativo e oração subordinada. Respectivamente, segue uma ocorrência de cada caso:

- (18) L₂ (...) carioca:: ... não quer saber de gravata
(p. 62-5, 154-5)
- (19) L₂ (...) eles TÊM:: ... o clima deles a:: natureza ajuda mais
(p. 64, 150-1)
- (20) L₁ (...) fica muito branca em virtude da ... claridade da lua né?
(p. 64, 133-4)
- (21) L₂ (...) se a gente tivesse condição de sempre estar:: ... procurando um clima melhor
(p. 64, 139-40)
- (22) L₂ um indivíduo que trabalha na rua ... andando ... se locomovendo que:: ... soa muito mais do que a gente
(p. 65, 167-8)

Nessas unidades discursivas, as pausas parecem demonstrar que o locutor precisa de tempo para estruturar suas idéias e/ou funcionam como elemento argumentativo.

– No lugar de um possível conector

Em (23), observamos que a pausa foi usada no lugar de um conector; trata-se ou da preposição **em** ou da preposição **a**.

(23) L₂ (...) não podendo voltar ... hora do almoço
(p. 65, 161-3)

A pausa entre os segmentos “não podendo voltar” e “hora do almoço” despista a falta de relacionamento sintagmático que a preposição **em/a** realizaria.

– No lugar de um possível sinal de pontuação

Nesse tipo de contexto, consideramos apenas as pausas para as quais não encontramos justificativa em algum dos fatores anteriormente mencionados. Decidimos por esse procedimento, haja vista, em alguns dos tipos de contextos já referidos, encontramos motivos para dizer que a pausa também ocorreu para substituir um possível sinal de pontuação. Como exemplo, citamos: ressalva, autocorreção, pergunta, paráfrase.

Foram 38 as ocorrências de pausa no lugar de um possível sinal de pontuação. Nos contextos a seguir, damos exemplos de ocorrências em que a pausa pode fazer ou faz a vez, na escrita, respectivamente, de uma vírgula, de dois pontos e de ponto.

(24) L₁ (...) quando é mais ou menos nove e meia ... já
estou na rua né?
(p. 62, 103-4)

(25) L₂ (...) fala isso aquilo ... "frente fria (constatou)" não
sei o que e deu (...)
(p. 63, 94-6)

(26) L₁ (...) sabe que pobre levanta cedo né? ((risos)) dez
para as seis seis horas eu estou ouvindo o notici-
ário da Tupi ... eles dão
(p. 63, 84-6)

6.2.2 Da perspectiva do ouvinte

As pausas realizadas no interior das unidades discursivas, depois de uma entonação descendente ou ascendente poderão causar no ouvinte a impressão de que o turno foi encerrado. Possibilitam, dessa forma, a troca de turno por meio de **assalto com deixa**.

(27) L₁ (...) ele tem que ser ... bem utilizado para você faturar
suas vendas ... uma vez que você utiliza ...
[
L₂ mas existe um limite em que você deva
um mínimo le/levar neste tal de faturamento?
(p. 67, 264-8)

Dizemos que, nessa ocorrência, há **assalto ao turno com deixa** por parte de L₂, pela superposição de sua voz, que se dá a partir da pausa de hesitação emitida por L₁. Entendendo essa pausa como um LRT, L₂ inicia seu turno e a ele dá prosseguimento até concluí-lo, o que leva L₁ a desistir de concluir sua fala. Do ponto de vista da perspectiva do falante, não houve passagem de turno consentida intencionalmente, mas, do ponto de vista da recepção, assim essa pausa foi entendida.

Consideramos que as pausas que ocorreram no final de turno que não coincidiram com final de UD se realizaram também no interior de UD, tendo em vista que o tópico não foi concluído, mas poderia sê-lo.

Verificamos no *corpus* três ocorrências desse tipo de pausa, em relação tanto à fala de L₁, quanto à de L₂.

(28) L₂ (...) em pleno inverno nós estamos às vezes no Rio de
Janeiro você ouve aí anteontem eu estava lendo trinta e
dois graus ... que beleza ... (eu) não vejo ...
L₁ e o clima inclusive influencia na própria:: imigração
desse () nessa época de de de julho né? ...
[

L₂ você não vê o ... o:: povo sai de São Paulo todo mundo diz que o povo carioca é mais alegre mais aberto que o pau/ do que o paulista ...
(p. 64, 141-56)

Em seu primeiro turno, L₂ não conclui a UD, mas, por ter realizado uma pausa de hesitação depois da emissão da forma verbal "vejo", permite a L₁ apossar-se do turno, por meio de **assalto com deixa**. Somente depois que L₁ permite passagem de turno **requerida** a L₂ é que esse retoma seu turno, anteriormente abandonado, para concluí-lo.

Quanto ao que diz respeito à realização do **assalto com deixa**, a diferença que verificamos entre as ocorrências (27) e (28) é que o **assalto com deixa** em (27) se deu com **sobreposição de vozes** e em (28), não.

Achamos conveniente comentar a ocorrência (29), a seguir, embora sirva para demonstrar o mesmo tipo de assalto comentado acima, provocado pela ocorrência de pausa no interior da UD, pelo fato de expressar uma tensão interlocutiva entre L₁ e L₂, que se manifesta pela tomada mútua de turno, provocada por pausas de hesitação, sem que nenhum dos locutores abandonem o turno.

(29) L₂ não deixa de ser um privilégio né? ... nós ali dentro ficamos ali fechados você é obrigado a cumprir ... as oito horas determinadas e ...

L₁ você vê que você ganha ...

[

L₂ você () fica fechado mas você fica ali ... você já pensou aquele Tédio que negócio CHAto ...

L₁ você vê que você ganha é em é em função da sua produção ... nós estamos mudando um pouco para ... profissão

(p. 68, 288-96)

Em sua primeira fala, L₂ faz uma pausa depois do conectivo e, não concluindo, portanto, a UD. Por sua vez, L₁, aproveitando-se dessa pausa, dá início a sua fala, mas também não a conclui, tendo em vista que L₂ assalta-lhe o turno. Esse dá continuidade à UD de sua fala que não fora concluída anteriormente, em sua primeira incursão, aproveitando a pausa de hesitação que L₁ realiza depois do termo "ganha". Somente a seguir, quando L₂ faz outra pausa de hesitação, agora seguindo o termo "CHAto", é que L₁ retoma seu turno anteriormente não concebido e o conclui.

Segundo podemos notar na tabela abaixo, L₁ realizou mais pausas no interior da UD que L₂, expressando, dessa forma, mais lentidão na organização de seu pensamento e/ou mais intenções argumentativas em suas elocuições.

Tabela 3
Pausas realizadas no interior da UD

Locais de ocorrência da pausa	Falantes		Total
	L ₁	L ₂	
Antecedendo: repetição	8	4	12
paráfrase	6	0	6
pergunta	4	4	8
autocorreção	2	2	4
ressalva	2	0	2
o conector e	7	2	9
Seguindo segmento topicalizado	2	0	2
Seguindo estrutura anacolútica	3	2	5
Entre componentes de sintagmas (exceto quando se trata de V+Sadv)	21	19	40
No lugar de um possível conector	1	4	5
No lugar de um possível sinal de pontuação	20	18	38
Turno em andamento	3	3	6
	79	58	137

7 CONCLUSÃO

Neste trabalho, procuramos estudar a pausa como fenômeno não-preenchido. A unidade de análise conversacional que nos auxiliou nesse sentido foi a UD concebida por Castilho (1989), que é definida segundo a propriedade de coerência temática que mantém com a unidade temática maior de um texto conversacional. Para efeito de análise do *corpus*, consideramos as pausas como um fenômeno cognitivo e interacional, de natureza lingüística supra-segmental, que se realiza no interior da UD, bem como seguindo-a.

Observamos que as pausas, quanto ao primeiro tipo de ocorrência, a) se realizam de forma localizada, permitindo serem determinadas sintática e semanticamente, em consonância com o "local" em que se encontram na estrutura da UD; b) desempenham funções semântico-pragmáticas de ordem diversa; c) e possibilitam passagem de turno com deixa.

Quanto ao segundo tipo de ocorrência, verificamos que as pausas desempenham funções relacionadas com a dinâmica da troca de turno, já que possibilitam tanto a passagem de turno com deixa (se seguem UD e não coincidem com final de turno) quanto requerida ou consentida (quando seguem UD e finalizam o turno).

O trabalho verificou que o falante usa a pausa não só para estruturar o diálogo como também para expressar suas intenções conversacionais. Comprovou, portanto, que a pausa é um recurso imprescindível na conversação, haja vista o papel funcional que desempenha nas interlocuções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, A. T. de, PRETI (Orgs.). *A linguagem falada na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987, v. 2.
- _____. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: CASTILHO, A. T. de (Org). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

- CHAFE, W. L. *Integration and involvement inspeaking, writing, and oral literature*. Berkeley: University of California, 1985.
- GALEMBECK, P. de T. et al. O turno conversacional. In: PRETI, Dino e URBANO, Hudinilson (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990, p. 59-98.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- RATH, R. *Kommunikationspraxis*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.
- SACKS, H., E. E. SCHEGLOFF, G. JEFFERSON. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*. Baltimore, v. 50, p. 696-735, 1974.